

MANUEL DE FREITAS

PEDACINHOS DE OSSOS

AVERNO | 2012

LJS801

O TEMPO DOS PUETAS

«Des temps nouveaux venaient de commencer (il en commence
à chaque minute): à temps nouveaux, style nouveau!»

ROBERT MUSIL, *L'Homme Sans Qualités*
(trad. Philippe Jaccottet)

A um tempo sem qualidades, como aquele em que vivemos, seria no mínimo legítimo exigir poetas sem qualidades. Curiosamente, estes últimos parecem ser, não apenas uma espécie rara, como pouco apreciada. Sinal dos tempos, poder-se-ia concluir, evocando de passagem a *distracção* fundamental que caracteriza, segundo Walter Benjamin, os apetites das massas¹. Foi ainda Benjamin um dos primeiros a constatar que a *qualidade* passou a ser, nas sociedades industrializadas, sinónimo de *quantidade*². Seria razoável supor que aqueles que menos confortavelmente enfrentariam esta situação seriam os poetas, até porque — ao contrário do que parece suceder com os romancistas — «não há por aí as máquinas maternas de produzi-los serialmente»³. E houve, de facto, um poeta (e excelente crítico da cultura) que voltou a lembrar que havia gente a mais e vida a menos: T.S. Eliot⁴. Algum tempo depois, Guy Debord dissecou implacavelmente a *sociedade do espectáculo* em que, salvo informação em contrário, continuamos a viver. Que se lhe chame

¹ Cf. Walter Benjamin, «L'oeuvre d'art à l'ère de sa reproductibilité technique» in *Oeuvres III*, trad. de Maurice de Gandillac, Rainer Rochlitz e Pierre Rusch, Paris, Gallimard, 2000, p. 109.

² Cf. *Ibidem*, p. 107.

³ Herberto Helder, *Photomaton & Vax*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1987 (2.ª edição), p. 168.

⁴ «[...] muito simplesmente, há gente de mais» — T.S. Eliot, «Uma Nota Sobre Cultura e Política» in *Notas Para uma Definição de Cultura*, trad. de Ernesto Sampaio, Lisboa, Século XXI, 1996, p. 99.

ou não «democracia» é o que menos importa; estamos perante o reino do quantitativo, da mercadoria que se assume como tal. Ao homem reificado, cabe um tempo — e também, cada vez mais, um espaço — *sem qualidades*.

*

Não se pode dizer que a poesia tenha sido insensível a estas questões. É sabido que, com Baudelaire, ganha forma a ideia ocidental de *modernidade*, sentida, antes de mais, enquanto necessidade estética e, porventura, consequência de um efectivo declínio moral. Mas é também em Baudelaire que surge a primeira grande denúncia do *progresso* — isso a que Cioran, mais conciso, chamaria «l'élán vers le pire»⁵. Não por acaso, é ainda em Baudelaire que se dá a ler a sátira algo ambígua do poeta aureolado, anacrónica figura que se não adequa já à inescapável realidade urbana e económica (num sentido lato). Perder a auréola, para o autor de *Le Spleen de Paris*, apresenta-se simultaneamente como uma fatalidade e como uma responsabilidade estética (uma ética da contemporaneidade, se preferirmos). O poeta aureolado, como observou Benjamin, adquiriu para o penetrante olhar baudelairiano um estatuto de «vieillesse»⁶. Por outras palavras, a partir de Baudelaire, a indissociabilidade entre o poeta e o seu tempo adquiriu a força de uma evidência. O declínio da aura significa, entre outras coisas, o predomínio do temporal sobre o eterno e, concomitantemente, da prosa sobre o verso (em termos comerciais, pelo menos).

⁵ «Le progrès n'est rien d'autre qu'un élan vers le pire.» — E.M. Cioran, *L'Élan Vers le Pire*, Paris, Gallimard, 1988, s/p.

⁶ Cf. Walter Benjamin, «Sur quelques thèmes baudelairiens» in *Oeuvres III*, op. cit., p. 388.

É claro que existiram, depois do autor de *Les Fleurs du Mal*, outros sismos poéticos, alguns deles insistentemente reclamados pelo estentor das vanguardas como figuras tutelares. Vanguardas que, não custa recordá-lo, pouco mudaram um mundo cujos valores centrais se iam progressivamente dissociando da estética e da religião. Mas vivemos já depois *disso*, e seria ocioso retomar aqui os heroísmos, credulidades ou desonras em que se firmaram e sucumbiram as vanguardas artísticas do século XX.

*

O que importa reter, para os propósitos desta antologia, é, antes de mais, a relação do(s) poeta(s) com o seu tempo (e, fatalmente, com os mecanismos mentais e axiológicos que o determinam). A questão, como tantas vezes se tem sublinhado, foi abordada com particular veemência por Baudelaire, mas não deixa de comparecer nas reflexões de autores como Hofmannstahl, Gottfried Benn ou Marina Tsvietaieva, entre muitos outros. Mesmo que não façamos um inventário exaustivo do problema, torna-se evidente que grande parte da poesia contemporânea se mantém fiel a um conceito de *qualidade* que o tempo e a chamada «realidade» se esforçam por negar ou neutralizar. Falar de uma *resistência*, com o que nisso possa haver de heróico, é, na melhor das hipóteses, uma solução caridosa e demasiado complacente. De resto, o martírio e a maldição, enquanto configurações ou atitudes poéticas, tiveram o seu tempo e, inclusivamente, as suas escolas. A questão que hoje se coloca — em Portugal, que é onde estamos — prende-se sobretudo com o apreço «qualitativo» por *anacronismos* e *ourivesarias* e com o *resto*. Esta antologia, que não foi subsidiada nem gastou solas no Parnaso, pretende contemplar isso mesmo: o(s) resto(s).

Estamos, portanto, em Portugal, mas não necessariamente no *Majestic* ou na *Brasileira do Chiado*. E a pergunta já foi feita, ainda que noutros moldes (e com outros nomes). Que existe de comum entre um Manuel Alegre e um António José Forte ou entre um Nuno Júdice e um Joaquim Manuel Magalhães? São todos poetas? Talvez. Mas desconfiemos, como convém, das evidências. Que há de realmente comum entre a aura mediática de Manuel Alegre e o anarquismo lírico de Forte? Este último, apesar de morto, nem sequer consta dos dicionários e histórias da literatura propostos à circulação académica⁷. Quanto ao outro, para o ver vivo e altissonante, basta ligar a televisão ou assistir a um jogo do Benfica, ladeado (se o espectador tiver sorte) pelos ombros pós-estruturalistas de Eduardo Prado Coelho. Nuno Júdice, por sua vez, poderia parecer (sem dificuldades de maior) um Antero fascinado pela biografia de Kleist ou um contemporâneo bizarro de Sá de Miranda. Bastaria, para isso, que aparássemos certos trejeitos apocalípticos (primeira fase) ou que corrigíssemos, com instrumentos da época, a rima das suas extenuantes reflexões amorosas (última fase). Poeta promissor, em tempos mui recuados, Júdice tornou-se o emplastro vivo (quase isso, enfim) do culturalismo auto-suficiente. É um desses poetas que, quando quer parecer «contemporâneo» de alguma coisa, quase torna palpável o esforço com que o faz, pensando certamente num público alargável ao

⁷ Que os mais cépticos o comprovem na *História da Literatura Portuguesa* de António José Saraiva e Óscar Lopes (Porto, Porto Editora, 1996 — 17.ª edição) ou no *Dicionário de Literatura Portuguesa* organizado e dirigido por Álvaro Manuel Machado (Lisboa, Presença, 1996).

seu génio. Trata-se, em suma, de um poeta cheio de qualidades, como os franceses sabem.

Joaquim Manuel Magalhães, que não poucas vezes encontrou na rima uma tradição para o novo, terá de esperar mais uns tempos pelas honras da Gallimard. É natural: um homem que escreve «poemas que não têm caspa / nem engordam com os anos»⁸ assustaria fatalmente o asséptico gosto francês vigente. Porém, se quisermos a cicatriz pungente de um tempo que é o nosso e das cidades e perfidias que nos matam, é à poesia de Joaquim Manuel Magalhães que teremos de recorrer. Não como um bálsamo ou enquanto filosofia de salão; antes como uma ferida que sentimos próxima.

É claro que todos estes poetas foram aqui referidos a título de exemplo(s), a seguir ou não, consoante os gostos — até porque nisto da poesia o melhor é sempre andar sozinho. Exemplos, acrescenta-se, facilmente refutáveis pelo poeta — português, vivo — que melhor tem dado voz a uma quase esmagadora intemporalidade: Herberto Helder. Mas a um génio tudo se perdoa. Além disso, mesmo de Herberto temos de dizer que ele chega, obviamente, não com o surrealismo, mas *depois* dele — ou magnificamente *através*. A poesia é uma realidade histórica, queiramos ou não. Avancemos, pois, algumas décadas.

Tem-se dito muito bem da novíssima poesia portuguesa, com as qualidades todas que lhe são reconhecidas. Resta saber, caso a caso, se alguma coisa se dá a ler para além do ostensivo maneio dessa(s) «qualidade(s)», mera habilidade que se traduzia, há cem anos, numa inflação de sonetos de que os alfarrabistas padecem

⁸ Joaquim Manuel Magalhães, *Uma Luz com um Toldo Vermelho*, Lisboa, Presença, 1990. p. 68.

ainda. Mas não é minha intenção pronunciar-me sobre poetas com qualidades, até porque prefiro os outros. É deles esta antologia — que não se quer consensual, não terá segunda edição e não pretende retratar nenhum período ou geração, embora todos os poetas nela incluídos tenham começado a publicar a partir da década de noventa. Acrescente-se, desde já, que nenhum dos autores representados adquiriu fortuna ou renome mundial pelo facto de escrever versos. Pode vir a acontecer, mas ainda não. E até lhes fica bem, convenhamos, essa «qualidade» a menos. O que, de alguma maneira, aproxima estes nomes (e legitimará, porventura, tê-los reunido num mesmo livro) são, precisamente, as várias «qualidades» que notoriamente não possuem. Estes poetas *não* são muita coisa. Não são, por exemplo, ourives de bairro, artesãos tardo-mallarmianos, culturalizadores do poema digestivo, parafraseadores de luxo, limadores das arestas que a vida deveras tem. Podemos, pelo contrário, encontrar em todos eles um sentido agónico (discretíssimo, por vezes) e sinais evidentes de perplexidade, inquietação ou escárnio perante o tempo e o mundo em que escrevem. Não serão, de facto, poetas muito retóricos (embora à retórica, de todo, se não possa fugir), mas manifestam força — ou admirável fraqueza — onde outros apenas conseguem ter forma ou uma estrutura anémica. *Comunicam*, em suma; não pretendem agradar ou ser poeticamente correctos. Só é possível falar destes poetas negativamente (e ainda bem): aproxima-os a falta de todas essas qualidades em que os seus contemporâneos se têm revelado pródigos. Por isso estão aqui, a desabrigo, a dizer o que dizem.

O POST SCRIPTUM EM 2010

Há oito anos, quando eu e a Inês Dias (com o firme e generoso apoio do Olímpio Ferreira) decidimos criar a Averno, estávamos longe de esperar que o volume inaugural — *Poetas sem Qualidades* — se viesse a tornar uma raridade bibliográfica e, nem sempre pelas melhores razões, uma antologia assiduamente referida. Expliquemo-nos. Essa antologia nasceu, obviamente, de um gesto irónico e de uma declarada falta de paciência para com certos arrebatamentos líricos mais ou menos consagrados. Mas a ironia passou ao lado de quase toda a gente, e a «cizentania» reinante levou, como sempre, tudo demasiado a sério. Poderia até haver, naquele conjunto de poetas, vozes genuinamente avessas ao conceito de «qualidades», se o termo for entendido como sinónimo de ornamento retórico gratuito ou floreado estilístico obsoleto. Porém, não seriam os editores nem o organizador estúpidos o bastante para proporem à circulação um conjunto de poetas que lhes parecesse, literalmente, «sem qualidades» (expressão que se viu, muitas vezes, alterada para o singular, com o desvio semântico inerente: «sem qualidade»). «Sem qualidades» — sublinhemos, pois, o musiliano plural — poderia tão-só querer dizer «desprovidos de características imediatamente reconhecíveis» ou «desprovidos de qualidades aplicáveis ao tempo bárbaro, mercantil e acomodado em que vivem» (pouco interessado, como é sabido, em manobras poéticas menos televisivas). Resumindo, e sem que me pareça necessário explanar inevitáveis hierarquias de gosto em relação aos nove poetas incluídos, tratava-se — apenas — de acentuar vozes que manifestavam ou manifestam, de modo entre si bem distinto, algumas

«qualidades outras», nos antípodas de um lirismo meramente oficial e/ou oficial. Não por acaso, o exemplo concreto do que a essas vozes menos interessaria — os onanismos inconsequentes da poesia de Nuno Júdice — só veio, com o tempo, dar-lhes ainda maior razão de ser.

*

O que se torna inegável é que, desobrigado da ironia que deveras continha, o termo «poetas sem qualidades» vingou, tornou-se um rótulo preguiçoso da Crítica que ainda ousa deter-se nos esquivos lamaçais da poesia. *Mea culpa*, naturalmente. Ainda assim, uma leitura mais atenta do prefácio que escrevi teria seguramente evitado alguns equívocos. Eduardo Prado Coelho, em particular, acertou ao lado, como tantas vezes lhe acontecia, vendo nesse texto uma tentativa de impor a outrem a minha própria poética (!?) e considerando como figura tutelar do «movimento» Ruy Belo. Poéticas, convém lembrar, há só uma e de cada vez — quando, e apenas quando, a poesia existe também e, de algum modo, a(s) precede e institui. «Movimentos», que eu saiba, é coisa pretérita e pouco aconselhável. Quanto a Ruy Belo, será talvez um dos poetas menos relevantes para a maioria dos nove autores presentes no volume de 2002. Dito isto, é compreensível que E.P.C. não tenha gostado da forma jocosa com que o pus, ao lado de Manuel Alegre, a assistir a um hipotético jogo de futebol (nada contra o futebol, aliás, mas quase tudo contra a solene pesporrência lírica de Manuel Alegre ou muitas das estratégias promocionais de que fez uso o seu falecido companheiro de bancada).

*

Nem sempre, convém sublinhar, as aversões e animosidades tiveram idêntica elegância. Com todos os seus inúmeros defeitos, E.P.C. ainda tentava argumentar, com uma paixão por vezes desajustada mas respeitável. O pior é quando se recebe acriticamente um rótulo que nunca pretendeu sê-lo, quando, por exemplo, este se torna sinónimo de «falta de brilho estilístico», ou, sobretudo, quando um pedante semi-analfabeto ousa afirmar que «a *Telhados de Vidro* é o órgão teórico do grupo dito dos “poetas sem qualidades”». E já agora, evocando alguns dos autores que colaboraram na revista, será Herberto Helder mais «sem qualidades» do que Ana Paula Inácio, ou Rui Nunes mais «isso» do que Renata Correia Botelho, Manuel Gusmão mais «isso» do que João Almeida? Ficamos sem perceber. Outros cretinos, mais letrados mas não menos baços, viram nessa mesma expressão um crime de lesa-poesia, acusaram-nos em bloco (como se bloco houvesse) de um acentuado arrefecimento lírico que filiam, grosseiramente, na poesia e na crítica de Joaquim Manuel Magalhães. E, ao fazê-lo, esqueceram-se de que poderia haver outros exemplos, igualmente incómodos e estimulantes, como os de Jorge de Sena, Luiza Neto Jorge, Fernando Assis Pacheco, Fátima Maldonado ou João Miguel Fernandes Jorge. Não descontando, claro, a hipótese de os «desqualificados» poderem até conhecer outros idiomas, outros poetas, países menos pequeninos do que este.

*

Mas o que eles — críticos e pseudo-críticos de serviço — não percebem nem perceberão nunca é que a poesia apenas interessa quando é um gesto absolutamente solitário. Que essa solidão possa ser solidária é algo que também lhes escapa. Não pelo timbre ou

pela maneira — «qualidades», se quiserem, tão irreduzíveis quanto
impartilháveis —, mas antes por essa indómita vontade de ficar
de fora, como quem vai ao circo, não gosta e regressa uma vez mais
à morte. Que é como quem diz: «a casa».

Lisboa, 14 de Março de 2010

HOTEL PRAIA, QUARTO 508